

A ESCOLA COMO *LOCUS*: A QUANTAS ANDA O ENSINO DAS ATIVIDADES CIRCENSES?

LA ESCUELA COMO LOCUS: ¿CÓMO ANDA LA ENSEÑANZA DE LAS ACTIVIDADES CIRCENSES?

Marco Antonio Coelho Bortoleto – Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP -
<https://orcid.org/0000-0003-4455-6732>

Resumo: Em alto e bom tom, breve e sistematicamente. O presente manuscrito representa uma síntese do trabalho de pesquisa sobre o ensino das atividades circenses no âmbito escolar. Um projeto científico coletivo que, portanto, combina o resultado de múltiplos estudos acerca de práticas pedagógicas – curriculares e extracurriculares –, desenvolvidas em escolas de educação básica (públicas e privadas), em diferentes regiões do Brasil. Um longo esforço acadêmico que revela a centralidade dos professores, a escassez de recursos e a fragilidade de formação específica; em contrapartida, indica uma elevada participação dos educandos, elevada satisfação das instituições e aumento da produção acadêmica especializada. Em suma, nota-se crescente interesse do setor escolar, bem como das instituições de ensino superior, construindo uma conjuntura que pode contribuir para a urgente necessidade de revitalização da Educação Física escolar.

Palavras-chave: Artes. Educação Básica. Ensino Fundamental. Educação Física.

Resumen: En voz alta y clara, breve y rigurosamente. El presente manuscrito representa una síntesis del trabajo de investigación sobre la enseñanza de las actividades circenses en el ámbito escolar. Un proyecto científico colectivo que, por lo tanto, combina los resultados de múltiples estudios sobre prácticas pedagógicas - curriculares y extracurriculares -, desarrollados en escuelas de educación básica (públicas y privadas), en diferentes regiones de Brasil. Un prolongado esfuerzo académico que revela la centralidad del profesorado, la escasez de recursos y la fragilidad de la formación específica; y que por otro lado, resalta la alta participación de los educandos, alta satisfacción de las instituciones y un incremento en la producción académica. En definitiva, notamos un creciente interés tanto del sector escolar como de las instituciones de educación superior, construyendo una coyuntura que puede contribuir a la urgente necesidad de revitalizar la Educación Física escolar.

Palabras-clave: Artes. Educación Básica. Enseñanza Primaria. Educación Física.

Notas introdutórias

Expression in the arts gives not only a natural approach to academic subjects but also a more confident basis for tackling the difficulties of social relationships. (Read, 1969, p.116).

O debate sobre a contribuição das artes para a educação volta à tona no Renascimento e ganha intensidade em meados do século XX. Embora avanços tenham acontecido, a “arte-educação”, assim como a “educação em arte”, parece ainda deter menor atenção nas políticas públicas, nas propostas curriculares e, por conseguinte, nas práticas escolares (Barbosa, 1989).

Quando adentramos no contexto do ensino das artes cênicas e, mais especificamente do circo, na educação básica as discussões são mais acaloradas e a realidade ainda menos animadora (Lopes; Eherenberg, 2020), ao ponto de, ironicamente, dizermos que a escola é um “não lugar” para o circo (Ribeiro et al., 2021).

Com efeito, o estudo da presença e dos desafios pedagógicos para o ensino do circo no contexto escolar passou a ocupar lugar de enorme interesse em nosso projeto acadêmico-científico há mais de duas décadas (Bortoleto et al., 2017; Bortoleto; Mallet; Tucunduva, 2016).

Nessa trajetória recente, a emergência das escolas especializadas, incluindo muitas de natureza profissionalizante, após a década de 1980 (Barreto; Duprat; Bortoleto, 2021), pode ser apontada como um fato social decisivo na ampliação das opções formativas, permitindo, ademais, que artistas, pedagogos em geral, professores de educação física, entre outros interessados, se aproximassem dessa arte secular, o circo, levando uma quantidade cada vez maior de profissionais a aventurar-se no ensino desses saberes no contexto escolar (Lopes; Silva; Bortoleto, 2020).

Não obstante, é preciso dizer que de modo geral a educação física escolar consolidou um conjunto reduzido e empobrecido de práticas corporais, com escassa atenção para o circo, bem como para outras inúmeras possibilidades (Neira; Nunes; De Lima, 2014, p. 135-149). Em muitos casos, nossos estudos indicam a existência de um velado preconceito quanto ao ensino do circo, estigmatizando-o como uma arte de menor importância, isenta de seriedade e, por vezes, não reconhecendo a sua condição de patrimônio imaterial nacional (Bortoleto, 2011).

Por isso, trabalhamos incessantemente para localizar, estudar, compreender e compartilhar a forma “rizomática”⁸ que o circo vem adquirindo, por meio da ação

⁸Conceito presente em Deleuze e Guattari (1995). “O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma refere-se a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga.” Esta obra precisa estar na lista de referências. Já a incluí.

entusiástica de docentes em todas as regiões do Brasil. Um trabalho que pretende criar uma “rede de criação”, nos termos forjados por Cecília Salles (2006), cujos resultados – ainda que incompletos - tratamos de apresentar sucintamente neste artigo.

Um longo caminho de pesquisa

Nosso trabalho de pesquisa foi construído por meio de um esforço coletivo, conectando um amplo conjunto de pesquisas de iniciação científica (IC), trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações de mestrado, teses de doutorado e estudos de pós-doutorado. Deliberadamente, realizamos outras diversas ações (cursos, assessorias, visitas técnicas, colaborações pedagógicas etc.), fortalecendo o diálogo com o setor circense – artistas, companhias, empresas, festivais, pesquisadores, escolas de circo, associações, redes, ongs etc. – e com diferentes grupos de pesquisas nas universidades no Brasil e no estrangeiro. Tecemos uma robusta rede de cooperação que permitiu a publicação de mais de uma dezena de livros, mais de 40 capítulos de livros e 80 artigos científicos⁹; e, mais recentemente, de inúmeros produtos digitais (vídeos didáticos, *podcast* etc.)¹⁰.

Paralelamente, a revisão sistemática da produção acadêmica nacional e internacional não deixa dúvidas sobre o notável crescimento do interesse do assunto em questão (Ontañón; Duprat; Bortoleto, 2012; Santos Rodrigues et al., 2021). Tudo isso para dizer que a recorrente afirmação de que não há literatura sobre o assunto e que, portanto, faltam referências sobre a pedagogia das atividades circenses¹¹, parece não ser mais adequada¹². Logo, temo-nos debruçado profundamente nessa produção em busca de inspiração, muitas delas relatos de professores das escolas, para continuar avançando nesse campo do conhecimento.

Observando nossa ação investigativa, como revela a Imagem 1, continuamos buscando expandir a diversidade geográfica dos casos estudados, ampliando os contatos

⁹ Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/posgraduacao/gruposdepesquisa/circus/publicacoes>

¹⁰ Muitos deles disponíveis gratuitamente no canal <https://www.youtube.com/CircusUnicamp>, com esse exemplo: https://www.youtube.com/watch?v=dXqx9ZXDa_w&t=394s

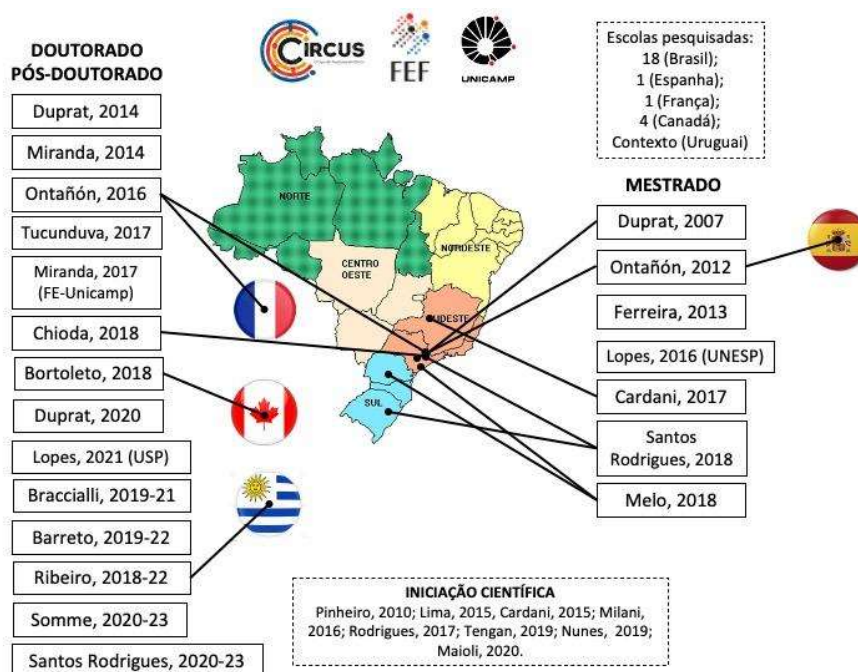
¹¹ O termo “atividades circenses” é melhor explicado em Bortoleto (2014).

¹² Como analisamos em duas palestras recentes, ambas disponíveis online: “A importância de trabalhar circo na escola” (2020): Canal da Educação Física:

<https://www.youtube.com/watch?v=4J2inENp54o&t=814s>; Webinar Chão de Quadra – Circo na Escola (2020): <https://www.youtube.com/watch?v=e2ZAFDQXpTk&t=9822s>

e o monitoramento das experiências pedagógicas produzidas nas escolas públicas e privadas, centrais ou periféricas, de grande ou pequeno porte. Desenvolvemos pesquisas no âmbito da educação infantil (Corsi; De Marco; Ontañón, 2018; Tengan; Bortoleto, 2021), do ensino fundamental e médio (Takamori et al., 2010; Ontañón; Bortoleto, 2014; Cardani et al., 2017; Bortoleto et al., 2020), da educação de jovens (EJA) (Chioda, 2018), estudando práticas curriculares e extracurriculares (Melo; Bortoleto; Ontañón, 2021). Complementarmente, estudamos a formação inicial no ensino superior, principalmente em Educação Física e Pedagogia (Miranda; Bortoleto, 2014, 2018; Tucunduva; Bortoleto, 2019). Certamente essa não é uma ação única e/ou exclusiva, há um crescente grupo de especialistas estudando e publicando na área, como corrobora o recente estudo de Santos Rodrigues et al. (2021), o qual localizou e analisou “47 artigos, 3 teses, 8 dissertações, 4 livros e 12 capítulos de livros”¹³.

Imagem 1. Síntese dos trabalhos de pesquisa (IC, MS, DR, PÓS-DOC) do CIRCUS-FEF/UNICAMP



Fonte: autoria própria

Achados e perdidos

¹³ Outros dois artigos recentes de revisão sistemática da literatura, confirmam o crescimento da produção nessa área específica, a saber: XAVIER JR., J. F.; MOURA, D. L. Atividades circenses e Educação Física: uma análise das publicações entre 2012 e 2018. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v. 7, n. 8, p. 112-24, 2020; JUNIOR, E. J. M. C.; GODOY, L. B.; RIZZO, D. T. D. S.; ZAIM-DE-MELO, R. Produção científica sobre atividades circenses no Centro-Oeste do Brasil no período 2015-2020. Lecturas Educación Física y Deportes, n. 25, 2020.

a) As escolas

Nossas incursões no contexto escolar, mediadas pelos docentes responsáveis, vêm combinando as mais diversas instituições, localizadas central e periféricamente, em cidades de grande e pequeno porte, de regime público e privado. Buscamos, ainda, estudar experiências tanto no contexto curricular como no extracurricular.

Notamos, quase unanimemente, que os projetos são liderados por professores e professoras entusiastas, assumindo os riscos de lecionar saberes que não faziam parte da cultura escolar. Frequentemente a experiência recebe pouco apoio institucional, mesmo quando há uma demanda advinda de documentos reguladores – propostas governamentais ou das empresas mantenedoras –, embora não tivéssemos relato de gestores que impediram que as propostas fossem realizadas.

Em algumas instituições o ensino do circo se dá no âmbito da disciplina escolar “Artes”, mas, de forma marcante, é na “Educação Física” que os relatos são mais abundantes. Em raros, porém existentes casos, escolas privadas incorporam disciplinas específicas de “Circo”, ministradas por docentes especialistas.

Em geral, professores formados após o ano 2000 relataram ter algum tipo de contato com esse assunto na formação inicial, embora ainda sejam uma minoria. Logo, docentes que decidem “aventurar-se” nesse campo costumam buscar formação continuada por livre e espontânea decisão. Assim sendo, os cursos livres de curta duração e o acesso a fontes digitais (vídeos, documentação *online* etc.) têm fundamentado sua atuação. Em alguns casos, a formação artística básica em circo (também em teatro, dança ou música) mostrou-se um aspecto facilitador e encorajador.

Nas instituições públicas o ensino é, frequentemente, motivado pela imposição das propostas pedagógicas governamentais (estaduais e/ou municipais), muito embora muitas delas não sejam acompanhadas da devida formação permanente do corpo docente. Já as instituições privadas parecem responder a uma demanda de mercado, visando ao oferecimento de conteúdos programáticos, curriculares ou complementares, que ajudem na diferenciação de suas propostas frente à concorrência. De fato, o ensino do circo é regularmente vinculado ao projeto midiático das escolas. O crescimento é maior no setor privado, pois há uma maior demanda de mercado e possibilidade de incorporação de professores especialistas.

Independentemente da tipologia das escolas, é notório o aumento dos relatos de experiência na literatura, como nos exemplos apresentados na Figura 1, embora devamos reconhecer que sejam apenas uma pequena mostra daquilo que vem acontecendo no interior das escolas.

Figura 1: Relatos de experiências sobre o ensino do circo não incluídos neste texto

SILVA, D. O. da; CARAMÊS, A. de S.; TELLES, C.; KRUG, H. N. O circo na escola: um relato de experiência dos professores. *Revista Didática Sistêmica*, Rio Grande, v. 16, n. 2, p. 84–92, 2015. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/redsis/article/view/4778>

ZANOTTO, L.; SOUZA JUNIOR, O. M. Atividades circenses na Educação Física: transformando a escola em picadeiro. *Corpoconsciência*, Cuiabá, v. 20, n. 2, p. 23-32, 2016.

XAVIER JÚNIOR, J. F.; MOURA, D. L. Atividades circenses e Educação Física: uma análise das publicações entre 2012 e 2018. *Revista Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 7, n. 8, p. 112-24, 2020.

ZAIM-DE-MELO, R.; SILVA, J. V. P. da.; DUPRAT, R. M. Hoje vai ter espetáculo!!! A arte circense como opção de lazer para alunos em uma Escola das Águas do Pantanal. *Corpoconsciência*, Cuiabá, v. 25, n. 1, p. 121-136, 2021. <https://doi.org/10.51283/rc.v25i1.11875>

b) Participação dos alunos

De forma generalizada, notamos uma elevada participação dos estudantes nas atividades circenses propostas, comumente superior à observada em outras práticas corporais tradicionais, inclusive quando há alunos com deficiência no grupo. Ademais, a participação costuma ser mais intensa, interessada e equilibrada quanto ao sexo dos estudantes. É importante mencionar que recorrentes estudos reforçam que os estudantes não identificam as práticas circenses com base no gênero e são raras as escolas onde observamos preferências nesse sentido, embora esse seja um tema que merece atenção constante (Bortoleto et al., 2020).

De modo geral, os relatos pedagógicos indicam que as atividades circenses favorecem à inclusão, independentemente da faixa etária, da série escolar ou do nível de habilidade, mesmo quando ministradas por docentes com pouca experiência (Ontañón; Duprat; Bortoleto, 2012).

c) Sobre os docentes

Como já dito, mostraram ser o elemento decisivo – mais, inclusive, que a demanda curricular, mercadológica ou outros fatores – para a inclusão desses saberes na escola.

Em suma, na maioria dos estudos foram docentes que propuseram o ensino do circo e conseguiram, posteriormente, a aceitação e o apoio institucional.

Assim como observado na participação dos estudantes/discentes, a atuação docente costuma revelar uma motivação particularmente alta para o ensino do circo, com tendência a aumentar, à medida que o projeto se consolida na instituição. Docentes generalistas, mesmo reconhecendo a maior fragilidade pedagógica e mais dificuldades na implementação, mostraram-se extremamente contentes com a escolha e os resultados.

Muitos se consideram autodidatas, relatando escassa formação inicial e intensa busca pessoal pela formação continuada. A possibilidade de incluir professores especialistas, principalmente nas instituições privadas, fortalece o projeto e contribui para a formação de outros colegas internamente. Não encontramos diferenças quanto ao sexo dos docentes, de modo que o ensino é igualmente realizado por homens e mulheres. Não obstante, nos parece que futuros estudos são necessários para aprofundar o entendimento sobre a atuação docente frente às questões de gênero.

d) Espaços e equipamentos

Na grande maioria das escolas não há espaços, equipamentos e materiais específicos para o ensino do circo, com exceção de algumas instituições privadas, cujo investimento está associado a projetos duradouros. Em muitos casos os equipamentos são fornecidos ou emprestados pelos próprios docentes e/ou construídos artesanalmente como parte da atividade pedagógica, como é o caso dos implementos (objetos) utilizados para as práticas malabarísticas (Duprat; Bortoleto, 2007). Em muitas instituições, os espaços e os equipamentos são inadequados e/ou insuficientes, constituindo uma importante barreira para o êxito das propostas pedagógicas (Cardani et al, 2017).

e) Estratégias pedagógicas

Considerando a diversidade de condições e o fato de que as experiências pedagógicas são majoritariamente realizadas de forma independente – pelo docente ou pela instituição –, aulas abertas, de livre exploração, são as mais comuns. Nas instituições com maior tempo de oferecimento, são frequentes as aulas em forma de “ateliê” – vivência mediada por alunos com maior experiência, os tutores (Invernó, 2003; Ontañón; Bortoleto, 2014) –; os “circuitos” com múltiplas estações circenses: manipulação de

objetos, equilíbrios sobre objetos, aéreos, acrobacia, entre outros; e os “projetos temáticos”, conjunto de aulas ou projeto com tempo delimitado.

A elaboração de apresentações, também denominadas “espetáculos”, especialmente no final do período letivo, é uma estratégia comum e permite uma interessante interatividade das práticas escolares com a comunidade (outros alunos, familiares etc.) podendo, ademais, contribuir com a coesão dos envolvidos (Bortoleto, 2011).

O planejamento das unidades didáticas (conjunto de aulas – bimestral, semestral ou anual) é realizado de forma superficial e, em muitos casos, ignorado. O desenvolvimento de processos avaliativos específicos também é raro e produz poucas evidências sobre a aprendizagem, assim como sobre cumulatividade, quando as práticas são oferecidas em diferentes momentos – especialmente no ensino fundamental.

f) Saberes abordados

Dentre as inúmeras possibilidades (modalidades) conhecidas no campo do circo (Bortoleto, 2017), pouco mais de uma dezena vêm sendo efetivamente abordada na educação básica, revelando um enorme distanciamento das práticas escolares em relação ao desejado ensino técnica e esteticamente diversificado. Mais precisamente, as aulas oferecem um limitado acesso à manipulação de objetos (malabares), apenas algumas habilidades acrobáticas e algumas modalidades de equilíbrio de objeto e sobre o objeto. De forma ainda mais limitada, algumas escolas incluem as modalidades aéreas, fundamentalmente o “tecido acrobático”.

Recorrentemente, essa constatação parece estar associada às limitadas oportunidades formativas dos docentes; ao reduzido acesso aos equipamentos de circo; e à falta de intercâmbio entre os profissionais envolvidos (professores, gestores, entre outros) (Zaim-de-Melo et al., 2021). Com efeito, temos insistido em publicações que visam ampliar as bases pedagógicas para o ensino de uma maior diversidade de modalidades circenses, com destaque para as seguintes (Figura 2), objeto destas publicações:

Figura 2: Sugestões de leituras sobre o ensino do circo não incluídas neste texto.

- BORTOLETO, M. A. C. A perna de pau circense - o mundo sob outra perspectiva. *Revista Motriz*, v. 9, n. 3, 2003.
- BORTOLETO, M. A. C. Circo y Educación Física: los juegos circenses como recurso pedagógico. *Revista Stadium*, Editorial Stadium, Buenos Aires, n.195, mar. 2006.
- BORTOLETO, M. A. C.; CARVALHO, G. A. Reflexões sobre o circo e a educação física. *Revista Corpoconsciência*, Santo André, n. 11, jan. 2003.
- BORTOLETO, M. A. C. Rola-bola: iniciação. *Revista Movimento & Percepção*, vl. 4, n. 4-5, 2004.
- BORTOLETO, M. A. C.; CALÇA, D. H. Circo e Educação Física: compendium das modalidades aéreas. *Revista Movimento e Percepção*, vol. 8, nº 11, 2007.
- MALLET, R. D.; ONTAÑÓN, T. B.; BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de (Org.). *Ginástica, dança e atividades circenses*. Maringá: EDUEM, 2014. v. 3, p. 119-157.
- ONTAÑÓN, T. B.; LOPES, D. C.; SANTOS RODRIGUES, G., CARDANI, L. C., & BORTOLETO, M. A. C. (Corpo e arte: uma proposta pedagógica na Educação Física a partir da bola de equilíbrio circense. *Educación Física y Ciencia* (Argentina), v. 21, n. 2, 2019. e076.
- LOPES, D. C.; DUPRAT, R. M. Encaixando possibilidades: uma proposta pedagógica para o malabarismo com caixas. *Revista Motrivivencia*, UFSC, n.34, vol. 65, 2022.

Em suma

Entendemos que a abordagem pedagógica responsável e contextualizada das atividades circenses no âmbito escolar pode contribuir para a inovação educacional de modo geral, assim como fortalecer o diálogo transdisciplinar (Educação Física, Artes, História, entre outros), possibilitando ressignificar a experiência “artística” como parte de um projeto maior em favor da educação corporal, estética e artística.

É patente, depois de quase duas décadas de trabalho ininterrupto, que o ensino das atividades circenses na escola não é um fenômeno nacional, mas, pelo contrário, estamos acompanhando uma verdadeira reviravolta internacional (Kriellaars et al., 2019; Bortoleto et al, 2022), à qual muitos professores brasileiros decidiram aderir e, como relatado, vêm colhendo resultados encorajadores. Certamente, ainda precisamos ampliar o ensino desses saberes na formação inicial e consolidá-los como uma opção curricular para toda a educação básica, do ensino infantil ao médio.

Notamos, por fim, que, embora as relações da escola e, particularmente da Educação Física, com o Circo, remetam ao século XIX, ainda há muitos preconceitos, significativo desconhecimento e escassa formação (inicial, continuada e permanente), em

pleno século XXI. Portanto, precisamos seguir firmes nessa longa e maravilhosa jornada em prol da arte e de seu ensino no contexto escolar.

Referências

BARBOSA, A. M. *Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras*. Estudos Avançados [online]. v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989.

BARRETO, M.; DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. De norte a sul: mapeando a formação em circo no Brasil. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis*, v. 3, n. 42, dez. 2021.

BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 43-55, jul. 2011.

BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses. *Dicionário Crítico de Educação Física*. 3. ed. revisada e ampliada, 2014. p. 60-64.

BORTOLETO, M. A. C. Um encontro entre o funâmbulo e o praxiólogo: ideias para mestres e discípulos. In: FERREIRA, L. A.; RAMOS, G. N. S. (Org.). *Educação Física Escolar e praxiologia motriz: compreendendo as práticas corporais*. Curitiba: CRV, 2017. v. 22, p. 55-80.

BORTOLETO, M. A. C.; MALLETT, R. D.; TUCUNDUVA, B. B. P. Atividades circenses na FEF-UNICAMP: a construção de uma nova área de estudos e pesquisa. In: BORTOLETO, M. A. C.; ONTAÑÓN, T. B.; SILVA, E. (Org.). *Circo: horizontes educativos*. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

BORTOLETO, M. A. C.; ONTAÑÓN, T. B.; MALLETT, R. D.; TUCUNDUVA, B. B. P. O circo na universidade: por uma coerência entre as práticas de ensino, pesquisa e extensão. In: SCHNEIDER, Omar; GAMA, Jean Carlos Freitas (Org.). *Educação Física e seus caminhos: programa de educação tutorial*. Vitória, ES: Virtual Livros, 2017. v. 1, p. 139-160.

BORTOLETO, M. A. C., ONTAÑÓN, T. B.; CARDANI, L.T.; FUNK, A.; MELO, C. C.; SANTOS RODRIGUES, G. Gender participation and preference: a multiple-case study on teaching circus at PE in Brazilian schools. *Front. Educ.*, n 5, p. 572-577, 2020.

BORTOLETO, M. A. C.; ROSS, J. J., HOUSER, N. & KRIELLAARS, D. *Everyone is welcome under the big top: a multiple case study on circus arts instruction in physical education*. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 2022.

CARDANI, L.T.; ONTAÑÓN, T. B.; SANTOS, G. R.; BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 25, n. 4, p.128-140, 2017.

CHIODA, R. J. *Uma aventura da alegria e do risco: narrativas de um professor de educação física sobre o ensino das atividades circenses*. Tese de Doutorado (Faculdade de Educação Física), UNICAMP, 2018.

CORSI, L. M.; DE MARCO, A.; ONTAÑÓN, T. B. Educação Física na Educação Infantil: proposta interdisciplinar de atividades circenses. *Pensar a Prática*, v. 21, n. 4, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Paulo: Autores Associados, v. 29, n. 2, jan. 2007.

INVERNÓ, J. C. *Circo y Educación Física: otra forma de aprender*. Barcelona: INDE, 2003.

KRIELLAARS, D.J.; CAIRNEY, J.; BORTOLETO, M. A. C.; KIEZ, T. K. M.; DUDLEY, D.; AUBERTIN, P. The impact of circus arts instruction in physical education on the physical literacy of children in grades 4 and 5. *Journal of Teaching in Physical Education*, v. 38, n. 2, p. 162-170, 2019.

LOPES, D. C.; EHERENBERG, M. C. Entre o pódio e o picadeiro: o sportsman circense Zeca Floriano. *Revista História da Educação* (Online), 2020, v. 24. e94488.

LOPES, D. C.; SILVA, E.; BORTOLETO, M. A. C. Dentro e fora da lona: continuidades e transformações na transmissão de saberes a partir das escolas de circo. *Repertório: Teatro & Dança (UFBA)*, v. 34, p. 142-153, 2020.

MELO, C. C.; BORTOLETO, M. A. C.; ONTAÑÓN, T. B. Risas, brincos y volteretas: la enseñanza del circo en la escuela como actividad extracurricular. *Retos*, n. 42, p. 897-906, 2021.

MIRANDA, R. C. F.; BORTOLETO, M. A. C. Saberes e práticas circenses: analisando os currículos dos cursos de Pedagogia das universidades públicas paulistas. *Revista Ensaio Geral*, v. 3, p. 75-89, 2014.

MIRANDA, R. C. F.; BORTOLETO, M. A. C. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, p. 1-9, 2018.

NEIRA, M.; NUNES, M. L. F.; DE LIMA, M. E. (Org.). *Educação física e culturas: ensaios sobre a prática*. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 2014. v. II.

ONTAÑÓN, T. B.; BORTOLETO, M. A. C. Todos a la pista: el circo en las clases de educación física. *Apunts. Educación Física y Deportes*, v. 115, p. 37-45, 2014.

ONTAÑÓN, T. B.; DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação física e atividades circenses: “o estado da arte”. *Movimento*, Porto Alegre, p. 149-168, abr. 2012.

READ, H. E. *Education through Art*. Londres: Faber & Faber, 5. ed., 1969.

RIBEIRO, C. da S.; CARDANI, L. T.; RODRIGUES, G. S.; BORTOLETO, M. A. C. (2021). O “não lugar” do circo na escola. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 34, n. 1.

SALLES, C. A. *Redes da Criação: Construção da obra de arte*. Vinhedo: Horizonte, 2006.

SANTOS RODRIGUES, G.; MELO, C. C.; MAZZEU, T. R.; BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses na Educação Física escolar: análise sistemática da produção bibliográfica (2016-2020). *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 19, n. 3, p. 1-7, 2021.

TAKAMORI, F. S.; BORTOLETO, M. A. C.; PIPORONI, M. O.; PALMEN, M. J. H.; CAVALLOTTI, T. D. Abrindo as portas para as atividades circenses na educação física escolar: um relato de experiência. *Revista Pensar a Prática*, UFG, v. 13, n. 1, abr. 2010.

TENGAN, E. Y. M.; BORTOLETO, M. A. C. Vamos brincar de circo: corpo “em arte” na Educação Infantil. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - *Revista Pemo*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. e324656, 2021.

TUCUNDUVA, B. B. P.; BORTOLETO, M. A. C. O circo e a inovação curricular na formação de professores de educação física no Brasil. *Movimento*, v. 25, p. 25055, 2019.

ZAIM-DE-MELO, R.; GODOY, L. B.; RIZZO, D. T. S.; BORTOLETO, M. A. C. Circo no pantanal: o ensino da arte em uma escola das águas. *Revista Educação em Debate*, UFC, v. 85, n. 43, p.75-82, 2021.